

O «Leal Conselheiro» em Alcobaça

Quer do ponto de vista literário e linguístico, quer paleográfico e artístico, o *Cod. alc.* 384 da Biblioteca Nacional de Lisboa constitui um dos códices mais preciosos que nos legou a *livraria* do Mosteiro de Alcobaça.

Do ponto de vista literário, em primeiro lugar. A literatura portuguesa é, de todas as grandes línguas europeias, a mais pobre em traduções *patrísticas*. Contam-se pelos dedos as versões completas de escritores cristãos dos primeiros séculos, gregos ou latinos. Ora o *Cod. alc.* 384 contém a versão integral das *Instituições Cenobíticas* de Cassiano, obra que teve influência decisiva na história do monaquismo e da espiritualidade no Ocidente.

Trata-se, por outro lado, dum códice da primeira metade do séc. XV, e o português em que está escrito reveste-se, por isso, de acentuado interesse filológico para o estudo da língua, particularmente no que se refere ao vocabulário religioso e espiritual.

Por fim, olhado sob o aspecto codicológico e paleográfico, o livro apresenta-se como um dos mais belos códices saídos do *scriptorium* de Alcobaça, pelo requinte da decoração.

Lamentavelmente um manuscrito de tamanho interesse está ainda por editar. Mais. É documento quase desconhecido dos eruditos. Se exceptuarmos os clássicos catálogos do fundo de Alcobaça¹, apenas a ele se refere, de passagem, um biblista recente².

¹ A. F. de ATAÍDE E MELO, *Inventário dos Códices Alcobacenses*, Lisboa 1930, p. 360.

A primeira referência à nossa tradução parece ser a de Diogo BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tom. III, Lisboa 1752, p. 17, na notícia de FR. LOPO DE SANTARÉM, a quem atribui a versão dos doze livros de João Cassiano que intitulou *Estabelecimento dos Mosteiros*, aliás trabalho único deste autor. O *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiæ* de 1775, onde figura sob o número CCLVII, confirma esta atribuição, mas desconhece-se o fundamento, dado que o códice, sem *colofon*, nada diz a esse respeito.

² J. MENDES DE CASTRO, *A Bíblia no «Leal Conselheiro»*, «Didaskalia», I (1971), p. 256, nota 26.

Da nossa parte pretendemos apenas chamar a atenção para um pequeno aspecto da cultura portuguesa do séc. XV, ou seja, a presença e influência do *Leal Conselheiro* de D. Duarte no Mosteiro de Alcobaça. O autor da tradução inseriu, com efeito, na sua obra, passagens das *Instituições Cenobíticas* já traduzidas no *Leal Conselheiro*. E — fenómeno inédito — há mesmo um capítulo que apresenta dupla tradução: a do monge de Alcobaça e a do *Leal Conselheiro*. Tão estranha anomalia verifica-se no fim do Livro IX — *Do spiritu da tristeza* — pelo que decidimos transcrevê-lo na íntegra. Pareceu-nos também de interesse a descrição, embora sumária, do manuscrito, assim como uma visão global do conteúdo da obra.

Descrição do códice

O *Cod. alc.* 384 é um manuscrito em pergaminho de grande formato: cada fólio mede aproximadamente 270 × 400 mm. O espaço da *justificação* ocupa 180 × 270 mm, mas o texto está disposto em duas colunas de 80 mm cada uma, separadas ao centro por 20 mm, sendo a margem exterior o dobro da margem interior. A parte *recto* de cada fólio apresenta-se pois da seguinte maneira: 30 + 80 + 20 + 80 + 60.

O códice é constituído por 12 quaterniões, mas nem todos os cadernos têm 8 fólhos, como se poderá ver pelo quadro seguinte:

I	Caderno:	7	fólios	—	Reclamo:	em na <congregaçom>
II	»	8	»	—	»	<pregui>ça do sono
III	»	8	»	—	»	ham <de ser>
IV	»	8	»	—	»	se conhece
V	»	8	»	—	»	envyou
VI	»	8	»	—	»	capitollo
VII	»	8	»	—	»	dos ydollos
VIII	»	7	»	—	»	que o conhecem
IX	»	7	»	—	Sem reclamo	
X	»	8	»	—	Reclamo:	<ensi>nou
XI	»	8	»	—	»	deter<minam>
XII	»	8	»	—	Sem reclamo	

Nos cadernos I e VIII falta a parte direita da folha 3, o que corresponderia ao fólio 6; no caderno IX a mesma parte da folha 1,

o que corresponde ao fólho 8. Todos estes cortes são de origem, executados na altura da composição do *codex*, porque o texto é contínuo e o livro está completo. Em tais condições, a falta de *reclamo* no caderno IX reveste-se de certo enigma. Porque omitiu o copista o *reclamo* deste caderno? Simples esquecimento? Veremos mais adiante que o códice foi escrito por duas mãos. Ora é exactamente com o caderno X que começa o trabalho do segundo escriba. A falta de *reclamo* no último quaternião tem explicação fácil: o *verso* do último fólho ficou em branco.

As iniciais de alguns *capítulos* são iluminadas a três cores: azul, vermelho e amarelo.

As iniciais são normalmente desenhadas a vermelho com decoração, quer a azul, quer a amarelo imitando o ouro; ou vice-versa, escritas a azul e decoradas a vermelho. Mas há-as também a uma só cor, vermelho, azul ou, mais raras vezes, amarelo, sem qualquer decoração.

As miniaturas ultrapassam muitas vezes a linha de pauta. As iniciais de certos capítulos transbordam o espaço da *justificação* e estendem-se em hastes de infundáveis arabescos.

Ao alto, exactamente a meio do fólho e fora da *justificação*, lê-se, a vermelho, aquilo que hoje chamamos a *cabeça*, isto é, a indicação dos diversos livros da obra: *Livro I*, *Livro II*, etc.

A vermelho são também sempre os títulos dos diversos capítulos. No geral as maiúsculas, no início de frase, mostram-se levemente retocadas a amarelo.

O pergaminho é forte, um tanto rígido, e por vezes desigual, sobretudo na parte final do códice, onde se nota acentuada diferença na tonalidade da cor entre o lado pele e o lado carne. Nos primeiros fólhos esta diferenciação é mínima.

As linhas foram marcadas a chumbo, quase imperceptível nos primeiros fólhos, mas bem visível a partir do caderno X (fol. 70 até ao fim)³.

O códice encontra-se em excelente estado de conservação. Há apenas um corte ao fundo do 1.º fólho do caderno IV (fol. 24), dificultando a leitura da última linha da 1.ª coluna.

A numeração actual dos fólhos, ao alto, do lado direito, *recto*, de cada fólho, a tinta, está correcta. Total: 93 fólhos.

³ O problema da data do manuscrito será abordada mais adiante, p. 374, ao referir o enquadramento da obra no ambiente espiritual e cultural de Alcobaça na primeira metade do séc. xv.

Apesar da unidade do livro, o códice foi escrito por duas mãos e de tal modo diferenciadas que o manuscrito se pode dividir em duas grandes partes: a 1.^a até ao fólio 69v, compreendendo os nove primeiros cadernos; a 2.^a desde o fol. 70 até ao fim.

Tudo o que acima dissemos a respeito da decoração refere-se à primeira parte, porquanto, a partir do fol. 71 — *Do spiritu da acídia* — desaparece toda e qualquer decoração. As iniciais, mesmo de capítulo, passam a ser desenhadas pelo próprio copista, sem o mínimo relevo. A última inicial iluminada é o A com que começa o texto do Livro IX: *Do spiritu da tristeza* — *A quinta batalha...* a seguir transcrito.

As cores desaparecem por completo: apenas a vermelho as iniciais de capítulo e a rubrica final, do fol. 93: *Em no cap.º V da castidade...* A última rubrica a vermelho encontra-se no fol. 71. A própria tinta vermelha é diferente, mais pálida na segunda parte.

O número de linhas de cada coluna é também diferente e nem sempre uniforme: normalmente 34, enquanto que na 1.^a parte era de 35. Mesmo a ortografia é diferente. Assim, por exemplo, enquanto que o primeiro copista escreve *Acabasse* e *Começasse*, o segundo diz *Acabase* e *Começase*. Até do simples ponto de vista material, codicológico, se nota uma diferença. A partir do caderno 10 está bem patente o picotamento do pergaminho para o regramento dos fólhos, o que demonstra a intervenção doutro artífice na preparação do códice.

O livro abre com dois fólhos em pergaminho doutro manuscrito, a servirem de folha de guarda. Colada ao primeiro fólio há uma folha de papel onde se lê: *Cod. 257, que é a antiga cota. E a seguir: Institutos / ou / Estabelecimento dos Mosteiros / obra de / João Cassiano / / traduzida em Portuguez antigo por / Fr. Lopo de Santarem / Monge Alcobacense*. Depois, a lápis, a cota actual: 384. Vê-se ainda o selo da *Livraria de Alcobaça*.

A encadernação é de madeira, coberta a pele, quase desprendida do volume, e está colada na parte anterior, do lado de dentro, por uma folha de pergaminho.

Conteúdo

O Cod. 384 contém uma versão completa da obra de João Cassiano († à volta de 435) *De institutis coenobiorum et de octo principalium vitiorum remediis*, a que o autor chama por vezes simplesmente *Institutiones* ou *Instituta coenobiorum*. O tradutor de Alcobaça intitula-a *Estabelecimentos dos Mosteiros*.

Como o título longo indica, a obra consta de duas grandes partes. Os Livros I-IV tratam sucessivamente do hábito eclesiástico, da ordem a seguir no ofício divino, nocturno e diurno, e do comportamento «daqueles que renunciaram ao mundo e tomam o estado de pobres monges».

A segunda parte é uma exposição ascética dos *pecados* ou *vícios capitais*, em número de oito segundo a tradição oriental, contra os quais deve lutar o monge para chegar à perfeição interior. A codificação de tais categorias espirituais é de origem oriental, mais exactamente, provém do monaquismo egípcio, onde Cassiano passou longos anos, e por ele foram introduzidas no Ocidente.

Foi sobretudo esta segunda parte das *Instituições* que mais profunda influência exerceu no Ocidente. Os oito pecados ou vícios capitais ficaram reduzidos a sete a partir de S. Gregório o Grande († 604), mas penetraram de tal maneira na espiritualidade do Ocidente que acabaram por invadir os próprios *Catecismos*; e até data bem recente eram aprendidos por todas as crianças, como se fôsem verdades fundamentais do cristianismo.

Fol. 1 — Começasse o prologo em no livro que he chamado dos stabillicimentos dos mosteiros, o qual compos o bispo Cassiano, muy sancto e muy perfeito barom.

Fol. 3 — Acabasse o prologo. E começasse o livro dos stabillicimentos dos mosteiros, o qual compos Joham Cassiano.

Primeiro capitollo do avito e do trajo dos monjes.

Fol. 7 — Acabasse o primeiro livro que falla do trajo e aveto dos monjes.

E começasse o segundo, dos noturnos e psalmos, das orações e do modo do seu orar.

Fol. 13 — Acabasse o modo dos psalmos, da oraçom de nocte em no segundo livro.

Começasse o terceiro livro, do modo canonico dos psalmos e das orações.

Fol. 18 v. — Acabasse o livro terceiro dos modos e psalmos das orações de dia.

E começasse o quarto que falla das ordenanças daquelles que rrenunciam o mundo e tomam stado de pobres monjes.

Fol. 33 — Acabasse o quarto livro dos stabelicimentos daquelles que rrenunciam ao mundo.

E começasse o quinto, que trauta do spiritu da gulla e gargantuice.

Fol. 47 v. — Acabasse o quinto livro, do spiritu da gargantuyce. E começasse o sexto, do livro do fornyzio.

Fol. 53 v. — Acabasse o livro VI, do spiritu do fornizio. E começa se o livro VII, da filargia.

Fol. 62 — Acabasse o VII livro, da fillargia. E começasse o livro VIII, da yra.

Fol. 68 v. — Acabasse o livro do spiritu da yra. E começasse o livro IX, do spiritu da tristeza.

Fol. 71 — Acabase o livro do spiritu da tristeza e começase o livro X, do spiritu da auçidia.

Fol. 78 v. — Acabase o tractado do spiritu da auçidia. E começase o XI livro, da cenodoxia, que quer dizer vã gloria.

Fol. 82 v. — Acabase o livro do spiritu da vã gloria, XI. E começase o livro XII, do spiritu da soberba.

Fol. 93 — Em no cap.º V da castidade ouvera este cap.º ser posto: *Ouve que diz o apostolo...*

Uma homenagem ao Infante D. Duarte

As duas passagens do *Leal Conselheiro*, acima referidas, que o monge de Alcobaça inseriu na sua versão dos *Estabelecimentos dos Mosteiros*, encontram-se no *Livro IX*, pelo que nos pareceu indispensável transcrevê-lo na íntegra.

Na transcrição desenvolvêmos todas as abreviaturas, excepto o *til abreviativo* com função de nasalização em certas palavras, cuja pronúncia, na época, se ignora, como *hũa*, *algũa*, etc.; mas respeitámos escrupulosamente a grafia do autor, que nem sempre é uniforme, excepto no uso do *u/v* e *i/j* que actualizámos.

Modificámos também a pontuação sempre que nos pareceu útil para melhor compreensão do texto, por vezes muito obscuro, mesmo no original latino.

Na divisão dos parágrafos seguimos a última edição crítica das *Instituições Cenobíticas*⁴; e para maior clareza colocámos entre *aspas* as passagens bíblicas traduzidas pelo monge de Alcobaça e em *itálico* as que ele conserva em latim.

De salientar que o nosso tradutor omite os *Capitula* no início de cada *Livro*, no que tem plenamente razão, porque a crítica moderna veio demonstrar que não pertencem ao original, mas são muito posteriores a João Cassiano.

Do spiritu da tristeza

Cap. I (Fol. 68v)

A quinta batalha he da tristeza guastador¹ cujos aguilhões som² <de> botar³. A qual, se⁴ em todos nossos curssos e casos desvayrados ouver licença de possoyr o nosso / fol. 69 / coração per todollos momentos da nossa vida, nos arredara da vista e contemplaçom devinal. E assy a voontade, enjeytada de todo stado de pureza, derrybaa e fazia apodrecer da rraiz. Nom leixa a alma conprir as oraçoões com alidice acostumbrada, non a leixa encostar aos rremedios da sancta scriptura. Nom leixa o homem seer manso e prazivel a seus irmãaos, e fazeo impaciente e aspero a todollos officios das obras e da rellegiom. E perdido todo saão consselho,

⁴ JEAN CASSIEN, *Institutions Cénobitiques*, Texte latin revu, introduction, traduction et notes de Jean-Claude GUY, Paris 1965.

e torvada a firmeza do coração, fazeo assy como sandeu, e desfazeo e quebrantao com peunal desesperaçom.

Polla qual rrazom, se desejamos de trabalhar em na conquista ligeiramente, non com temor nem menor aviso, esta enfermidade de nos deve de seer curada. Assy como a traça enpeece aa vestidura e o vermem ao paao, assy a tristeza enpeece a coração do homem. Assaz evidentemente e propriamente declarou o Spiritu devino ⁵ a força deste peçonhento e mortal peccado.

He certo que a vistidura rruida do dente da traça nom he de vallor, nem ha uso honroso, nem des aly avante espere ninguem preço nem valor della ⁶. Esso meesmo o lenho cavado dos vermeens, ja nom he convinhavel pera o edifficio, mas merece seer contado pera manjar do fogo. Assy meesmo a alma que he comesta dos bocados roazes da tristeza, sem proveito sera aa vestidura pontifical em cuja gorgeira e collar o unguento do Spiritu Sancto descende do ceo, depois que unge a barba de Aarom, assy como he dicto polla divinhaçom do propheta David ⁷, scilicet: *Sicut unguentum in capite, quod descendit in barbam, barbam Aaron. Quod descendit in oram vestimenti eius*. Nem aa obra daquel templo spiritual, nem a seu hornamento poderam pertencer, ao qual o sabedor macanico Paulo ⁸ pos alicece dizendo: «Vos sodes templo de Deus, e o Spiritu Sancto mora em vos». De que condiçom sejam aquelles lenhos, a esposa o ensina em nas *Cantigas dos Cantares* ⁹, dizendo: «As nossas traves som de cipreste e os caibros das nossas casas de cedro». E porem tal madeira como esta he escolheita pera o templo / fol. 69v / de Deus, porque som de boo cheiro e sem podridoçe, nem som subjectos a corruçom nem aa velhice nem a manjar de vermeens.

Aas vezes se segue tristeza da ira precedente, aas vezes por cobiiça de gaanho ou por nom tanto proveito se sooe a jeerar, e esto quando o homem vee que caae a esperanza destas cousas, as quaaes tinha concebidas em sua vontade. E aas vezes nom avendo causa nenhũa, mais pollo soo sutil seguimento do imiigo assy arrebatadamente somos derribados a esta podridoçe, de tal guisa que nem a viinda das cousas necessarias nem dos amigos nom podemos receber com alidice acostumada. E qualquer cousa que delles for pronunciada, ainda que seja bem razoada, logo arrebatadamente a julgamos por nenhũa e sobeja. Nem lhe damos reposta nenhũa boa, porque todo o que saae do nosso coração todo vem tengido com fel de amargura.

Onde se mostra magnifestamente que nem sempre somos movidos dos aguilhões dos peccados alheos, mas mais dos nossos, os quaaes teemos ençarrados em nos meesmos: as cousas e as sementes das enjurias e dos peccados, as quaaes quando vem o horvalho da tentaçom logo saaem e fazem flores e fructo.

Nunca nenhum enfraquecido pollo peccado alheo he constrangido pera pecar, se nom tiver em seu coração pousada a materia dos peccados. Nem entom subitamente crea algum que he enganado quando oolhando a fermosura da molher vem a cair no fojo do fogo da torpe cobiiça. Mas mais deve creer que a enfermidade oculta dentro em no meolo sayo aa praça per ocasiom da vista.

E porende Deus, criador de todallas cousas, proveendo aa cura da sua feitura antre todallas cousas, e sabendo que as causas e raizes das injurias nom aviam morada em nos outros, mas em nos meesmos, mandou que a companhia dos irmãos nom era de engeitar, nem aquelles que nos entendemos que nos anojarem, ou que nos anojassemos a elles, nom avemos de avorrecer, mas manda que os abrandemos, sabendo Elle que a perfeçom / fol 70 / do coração non se gaanha tanto com alongamento dos homeens como da virtude da paciencia. A qual assy outorgada, assy como nos pode conservar pacificos com aquelles que avorrecem a paz, assy meesmo se nom for possuida far nos ha desacordar daquelles que milhores e mais perfectos som que nos. As occasiões dos arroidos, per as quaes nos apressamos pera desempachar aquelles con que somos juntos em na conversaçom humanal, desffalecer nom podem. E porende as cousas da tristeza, pollas quaaes nos arredamos dos primeiros, non fugimos mas arredamonos.

As quaaes sem duvida, se forom castigadas, nom digo com homeens, mas com as feras brutas, ligeiramente podera conviir, segundo aquello que he scripto em no livro de Job¹⁰: «As bestas da terra seram mansas a ti». As comoções que veem de fora nom recearemos, nem nos poderam seer factos escandalos aa de fora, se dentro em nos meesmos as suas raizes nom forem exertadas¹¹. «Paz muita sera aaquelles que amam o teu nome, e nom lhe sera facto escandallo», diz o propheta¹².

Cap. II

Ha hi outra jeeraçom de tristeza, a qual non traz a alma do pecante a correiçom de vida, nem a emenda dos peccados, mas a

mortal desesperaçom, a¹³ qual nem leixou Caym fazer pendença depois do omicidio, nem a Judas depois da treição nom no leixou buscar caminho de satisffaçom, mas trouxeo a seer pendurado em laço.

E porende em huña cousa soo a tristeza he de julgar proveitosa: ou quando nos pesa dos peccados, ou quando somos ascendidos em desejos da perfeiçom, ou quando concebemos a contemplaçom da bemaventurança que he por viinr. Da qual diz o apostolo Paulo¹⁴: «Aquella tristeza que he segundo Deus obra pendença estavil pera saude. A tristeza do segre obra morte».

Mas aquella tristeza que obra pendença stavil per saude obediente he, graciosa, humildosa, mansa, suave, paciente, assy como aquella que descende de Deus e se estende e offerece a toda door do corpo e do spiritu sem cansaço, por desejo de perfeiçom. E assi como leda pollo seu proveito, e recriada, retém em si toda graciosidade e / fol. 70v / affabilidade, e tem em si meesma todollos fructos do Spiritu. Os quaes conta o Apostolo¹⁵, dizendo: «Caridade, prazer, paz, longanimidade, bondade, beninidade, fe, mansidoõe, continencia».

Mas esta he a muy aspera, sem paciencia, dura, chea de rancor e choro sem proveito e desesperaçom penal, e aquel que a abraçar revogoo da industria¹⁶ saudavel e quebrantao per door assi como cousa sem razom e fazeo antrepoer, non soo a eficacia da oraçom, mas ainda faz avacuar todollos fructos spirituaes que dissemos, os quaaes a outra soube dar.

Polla qual cousa, afora aquella que he tomada, ou per pendença saudavil, ou per estudo de perfeiçom, ou por desejo das cousas que som por viinr, toda outra tristeza assi como de morte he de gardar. E assi como ao spiritu do fornizio ou de fillargia ou de ira de nossos corações de todo he de arrincar, assi ao spiritu da tristeza que nom he segundo Deus devemos a fogir.

Cap. III

Esta mui mortal paixom assi de nos poderemos lançar, se a nossa vontade, per contemplaçom spiritual cada dia ocupada, levantarmos per esperança e desejo da benaventurança que he por viinr. E per este modo todallas geerações de tristezas, assi as que descendem de algũa yra traspassada, assi como daquellas que aveem por perda de proveito, ou por desprezamento a nos facto, ou as que se geerom

das injurias que nos fizeram, ou aquellas que da confusom da vontade desarrazoada procedem, ou aquellas que nos enduzem a mortal desesperaçom, todas estas poderemos sobrepoiar com resguardamento das cousas perduravees que som por viiñr, durando sempre ledos e nom movidiços, nom caindo em nas adversidades, nem ensobervecendo em as benaventuranças, consirando que hũas e as outras subitamente se escorregam.

Infans

Aquesta muito enganosa paixom assi de nos fora lançada, ou lançar poderemos, se a vontade nossa per spiritual cuidado continuamente occupada a esperança do que ha de seer e a contemplaçom da prometida benaventurança levantarmos.

Per aqueste / fol. 71 / modo todallas geerações das tristezas, assi as que dalgũa sanha passada descendem, como as que per leixamento dalguum gaanço ou perda a nos facta venham, ou as que se geerom das enjurias que nos fizeram, ou as que da desarrezoada vontade e desconcertada procedem, ou as que a peçonhenta desesperaçom nos enduzerem, nos poderemos bem sobrepoiar com resguardamento das perduravees cousas que ham de viiñr, sempre ledos e non movediços duraremos, nem de casos que aconteçam presentes desprezados, nem dos beens seremos levantados, huum e o outro, assi como cousa escorregavil, e que asinha passa, contemplando.

Acabase o livro do spiritu da tristeza e começase o livro X, do spiritu da auçidia.

- 1 — gastador *no sentido* de devastador.
- 2 — sem *cod.*
- 3 — botar *no sentido* de embotar, arredar.
- 4 — *rasura* entre se e em.
- 5 — Cf. II Tim. 2, 5.
- 6 — *delle cod.*
- 7 — Ps. 132 (133), 2.
- 8 — I Cor. 3, 17.
- 9 — Cant. 1, 16.
- 10 — Job 5, 23.
- 11 — *exertadas em vez de enxertadas?*
- 12 — Ps. 118 (119), 165.
- 13 — o *cod.*
- 14 — II Cor. 7, 10.
- 15 — Gal. 5, 22-23.
- 16 — *iniustria cod.*

Como se vê, o último capítulo do *Livro IX* fornece duas traduções: a do autor e a do *Infante*. Este *Infans* não pode ser outro senão D. Duarte. De facto esta passagem encontra-se, tal qual, salvo uma ou outra pequena variante, no *Leal Conselheiro*⁵, em capítulo intitulado da mesma maneira — *Da tristeza* — e essencialmente constituído por passagens de Cassiano.

Semelhante facto, tão estranho, — e único a nosso ver em obras congêneres, — parece-nos susceptível de algumas ilações. Ele reflecte as cordiais relações existentes, na época, entre a Coroa Portuguesa e o Mosteiro de Alcobaça, bem como o ambiente de renovação cultural e espiritual da vida cisterciense em Alcobaça no segundo quartel do séc. xv. D. Isabel Cepeda expõe, com toda a clareza, a situação, em obra recente⁶, e da nossa parte limitar-nos-emos a assinalar os dados mais significativos.

D. João I obteve de Roma, em 1431, a nomeação de Frei Estêvão de Aguiar, embora não fôsse cisterciense, para Abade de Santa Maria de Alcobaça, dadas as suas altas qualidades de administrador e dinamizador da vida religiosa. A nossa tradução enquadra-se numa série de outras do mesmo género deste período de renovação espiritual de Alcobaça, muito embora não conste da lista fornecida por D. Isabel Cepeda⁷, visto o códice não ter *cólofon*.

É no entanto possível datá-lo com toda a precisão, graças à menção do *Infante* D. Duarte neste capítulo. A escrita, ainda gótica, conduz-nos ao séc. xv; mas o facto de D. Duarte, nesta passagem, ser designado por *Infans*, faz-nos recuar pelo menos até 1433, data da sua subida ao trono. A referência explícita ao *Infante* não pode ter outra explicação senão a de homenagem do escriba de Alcobaça ao filho de D. João I, muito possivelmente por instigação de Frei Estêvão de Aguiar, em gesto de reconhecimento. Se D. Duarte já fôsse rei na altura, menção seria feita sem dúvida à sua posição, e o copista teria dito *Rex* e não *Infans*, como aliás consta no título do *Leal Conselheiro*⁸.

⁵ Edição crítica de Joseph M. PIEL, *Leal Conselheiro o qual fez Dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta*, Lisboa 1942, p. 66.

⁶ ISABEL VILARES CEPEDA, *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, Vol. I, Lisboa 1982, pp. LIV-LV.

⁷ *Op. c.*, p. LV.

⁸ Ver o título da edição de J. PIEL, indicado na nota 5.

Outra passagem do «Leal Conselheiro»

Há outra passagem do *Leal Conselheiro* que o monge de Alcobaça utiliza na sua tradução e constitui todo o Cap. II do *Livro IX*. O quadro seguinte mostrar-nos-á como D. Duarte inseriu tal passagem na sua obra.

Leal Conselheiro

Estabelecimentos dos Mosteiros

Capitulo XVIII

Da tristeza

Da tristeza diz sam Joham Casiano, no livro dos Estabelecimentos, e nos das Collações dos santos padres, que nos devemos com a graça do senhor deos guardar como dos mais principaaes pecados, e o poõe e declara em cada huũ dos ditos livros por cabeça de pecado principal, chamandoo começo de morte. E diz que som duas maneiras de tristezas. Hũa que vem e procede de virtude. Outra de pecado. E aquesta que vem de pecado departe em outras duas deferenças. Hũa que fica depois que se parte a ssanha, por a perda que recebe, ou por o desejo que nom comprio. A outra nace dalgũu queixume sem razom que esta na voontade, ou descende da desesperaçom. E declara que

ha hi hũa geeraçom de tristeza a qual nom traz [a] alma do pecante correiçom de vida,

Cap. II

Ha hi outra jeeraçom de tristeza, a qual non traz a alma do pecante a correiçom de vida,

nem enmenda dos peccados, mas mortal desesperaçom, a qual nom leixou Caym fazer peendença depois do omicidio, nem a Judas depois da treição buscar caminho de satisfaçom, mes trouxeo a sseer pendurado em laço.

E porem em esto a tristeza he de julgar proveitosa, quando nos pesa dos peccados, ou somos acendidos em desejo da perfeiçom, ou quando concebemos a contemplaçom da bem-aventurança que he por vñr, da qual diz o apostollo Paulo: Aquella tristeza que he segundo deos, obra peendença stavel pera a saude. A tristeza do segle obra morte,

mas aquella tristeza que obra peendença stavel pera [a] saude, obediente he, graciosa, humildosa, manssa, suave, paciente, assy como aquella que descende de deos e se estende e oferece a toda door do corpo e do spritu sem canssaço, por desejo de perfeiçom. E assy como leda pollo seu proveito e recriada, retem toda graciosidade e afabilidade. E tem em sy meesma todollos fruitos do sprito, os quaaes conta o apostollo, dizendo: caridade, prazer, paz, longaminydade, bondade, benignidade, ffe, manssidoõe, continencia.

Mas esta outra he muy aspera, sem paciencia, dura, chea de

nem a emenda dos peccados, mas a mortal desesperaçom, a qual nem leixou Caym fazer pendença depois do omicidio, nem a Judas despois da treição nom no leixou buscar caminho de satisffaçom, mas trouxeo a seer pendurado em laço.

E porende em huña cousa soo a tristeza he de julgar proveitosa: ou quando nos pesa dos peccados, ou quando somos ascendidos em desejos da perfeiçom, ou quando concebemos a contemplaçom da bemaventurança que he por viinr. Da qual diz o apostolo Paulo: «Aquella tristeza que he segundo Deus obra pendença estavil pera saude. A tristeza do segre obra morte».

Mas aquella tristeza que obra pendença stavil per saude, obediente he, graciosa, humildosa, mansa, suave, paciente, assy como aquella que descende de Deus e se estende e offerece a toda door do corpo e do spiritu sem cansaço, por desejo de perfeiçom. E assi como leda pollo seu proveito, e recriada, retem em si toda graciosidade e affabilidade, e tem em si meesma todollos fructos do Spiritu. Os quaes conta o Apostolo, dizendo: «Caridade, prazer, paz, longanimidade, bondade, beninidade, fe, mansidoõe, continencia».

Mas esta he a muy aspera, sem paciencia, dura, chea de

rancor e choro sem proveito, e da desesperaçom penal. E aquel que abraçar revogoo da industria saudavel e quebranto per door, assy como cousa sem razom, e fázeo antrepoer nom soo a eficacia da oraçom, mas ainda faz evacuar todollos fruitos spirituaaes que dissemos, os quaes a outra soube dar

por a qual cousa fora daquella que he tomada, ou por pendenza saudavel, ou per studo de perfeiçom, ou por desejo das cousas que som por viir, toda outra tristeza assy como de morte he de guardar. E assy como ao spritu do fornyzo, ou de filarg[ir]ia, que he avareza, ou da ira de nossos corações de todo he de arrincar, assy ao sprito da tristeza, que nom he segundo deos, devemos a ffugir.

rancor e choro sem proveito e desesperaçom penal, e aquel que a abraçar revogoo da industria saudavel e quebrantoo per door assi como cousa sem razom e fazeo antrepoer, non soo a eficacia da oraçom, mas ainda faz avacuar todollos fructos spirituaaes que dissemos, os quaaes a outra soube dar.

Polla qual cousa, afora aquella que he tomada, ou per pendenza saudavil, ou per estudo de perfeiçom, ou por desejo das cousas que som por viinr, toda outra tristeza assi como de morte he de guardar. E assi como ao spiritu do fornizio ou de fillargia ou de ira de nossos corações de todo he de arrincar, assi ao spiritu da tristeza que nom he segundo Deus devemos a fogir.

Segue-se no *Leal Conselheiro*, após breve introdução de D. Duarte, o Cap. III do *Livro IX* das *Instituições Cenobíticas*, a que acima nos referimos. O mesmo é dizer que o Cap. XVIII do *Leal Conselheiro* é essencialmente constituído pelos Cap. II e III do *De spiritu tristitiae* de Cassiano.

A maneira como o *Leal Conselheiro* foi manipulado em Alcobaça levanta alguns problemas. Porque é que o monge tradutor transcreve o Cap. II sem qualquer referência à fonte de que se serviu e logo a seguir, no capítulo seguinte, dá duas traduções, uma sua e outra bem identificada, a do *Infante*? Como explicar este à vontade no Cap. II e esta bem significativa homenagem no Cap. III?

A nosso ver, atitudes diferentes referem pessoas diferentes. Como acima foi exposto, na descrição do códice,⁹ este foi transcrito

⁹ Ver p. 376.

por duas mãos. Ora a intervenção do segundo escriba começa exactamente no fim do *Livro IX*. Assim parece-nos mais que provável que a homenagem prestada ao *Infante D. Duarte* no último capítulo a ele se deve, no início do seu trabalho de transcrição.

Quanto ao Cap. II, parece-nos lícito levantar um problema, a que de resto não sabemos dar resposta. Quem será o tradutor das passagens de Cassiano integradas no *Leal Conselheiro*? D. Duarte ou algum monge de Alcobaça? Saberia D. Duarte suficientemente latim para traduzir o latim de Cassiano, por vezes bem difícil e de pensamento nem sempre claro?

JOAQUIM O. BRAGANÇA